

REVISITANDO A HISTÓRIA DA ESCOLA AGRÍCOLA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UMA ESCOLA CENTENÁRIA

Camila Damasceno de Paula
Larissa Pamplona de Oliveira
Ana Carolina de Almeida Bergamaschi
Fabrício Roberto Costa Oliveira

Instituto Federal Sudeste MG – Câmpus Barbacena
BIC JR/Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas

Palavras-chave: ensino agrícola; sujeitos escolares; cultura escolar.

Muito pouco se tem pesquisado sobre a trajetória de jovens estudantes de Escolas Agrícolas. Criada no início do século XX, como Aprendizado Agrícola, a Escola Agrícola de Barbacena sofreu uma série de transformações e recebeu diferentes denominações, de acordo com momentos históricos e políticos vivenciados. Desde dezembro de 2008, a escola tornou-se um câmpus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, denominando-se Câmpus Barbacena do IF – Sudeste MG. Buscando suprir parte desta lacuna, o objetivo principal deste estudo foi iniciar a organização de um acervo documental de entrevistas que trouxessem à tona a história da escola a partir dos sujeitos que estiveram neste ambiente escolar. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas com ex-alunos que viveram na escola entre as décadas de 1940 e 1950, privilegiando como fonte o testemunho oral. Afinal, o que os estudantes, sujeitos ativos e plurais, têm a dizer sobre este ambiente escolar? Qual o papel da escola na formação desses sujeitos? Nesse sentido, pretendemos colaborar com a compreensão da história desta instituição, com elementos da cultura escolar que ultrapassam a legislação e os registros existentes até o momento. Os sujeitos foram selecionados na própria “Escola Agrícola”, após a realização do XIII Encontro de Ex-alunos realizado em meados de julho de 2013. A partir da primeira entrevista, os demais nomes de possíveis entrevistados surgiram. Foram selecionados aqueles que residiam nas proximidades de Barbacena e que tiveram permanência por mais de cinco anos na escola. As entrevistas foram importantes para a maior aproximação com o cotidiano escolar. As memórias dos sujeitos revelam diferentes facetas de

análise, por apresentar aspectos internos à vida da escola que dificilmente estarão documentados. Conforme Fonseca (2000, p.152), “a memória revela também a pluralidade das versões do vivido, opondo vozes que narram um mundo de conflitos, onde as relações sociais não são lineares”. Em todos os casos as entrevistas foram realizadas nas residências dos sujeitos pesquisados, em dia e hora previamente combinados, em locais de pouco ruído e confortável. O tempo de entrevista variou de uma a duas horas, de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado, bem como do desenrolar da própria entrevista. No momento das entrevistas, o gravador foi utilizado, após o consentimento do depoente. Para estimular a fala dos ex-alunos, recorreremos ao uso de fotografias que os próprios depoentes guardavam em seus arquivos pessoais. Este recurso foi igualmente importante para ampliar o conjunto de informações recolhidas. Para a realização das entrevistas seguiu-se um roteiro para a organização das falas, com o cuidado de minimizar a interrupção dos depoimentos. Este roteiro pode ser entendido em três partes: 1) Memórias da infância; 2) A chegada à escola; 3) As vivências e as práticas escolares; 4) A formação “depois da vivência”. Com a realização dessas entrevistas foi possível detectar uma cultura própria da Escola Agrícola de Barbacena e uma efetiva participação dos sujeitos na construção e vivência dessa cultura. Nesta perspectiva, admite-se a escola como um lugar que em determinado tempo formou a personalidade e a mentalidade de indivíduos ou grupos (FRAGO, 2001). A educação não se reduz aos ensinamentos dos programas curriculares, mas, principalmente, incute normas e valores, socializa e educa. Destaca-se que os alunos apresentavam uma linguagem própria, identificando-se não pelo nome, mas pelo número de matrícula. Ainda hoje, se referem aos colegas de escola pelo seu número. Há que se ressaltar o motivo que levou os entrevistados a escolher a Escola Agrícola de Barbacena. Os ex-alunos destacaram, aqui, a possibilidade de continuação dos estudos e as condições de permanência na escola. Cabe ressaltar que não delataram vocação agrícola ou habilidade com o meio rural e ainda, que os quatro entrevistados evidenciaram que a escola deixou uma marca indelével em suas vidas. No contexto das práticas escolares, destaca-se que a rigidez nas relações e no convívio, contribuíram para o surgimento de um regime hierárquico e de autodisciplina próprios, no qual os alunos tinham função diferenciada, já que por vezes cumpriam regras e por vezes as cobravam. Havia na escola um modo de vida particular. Os alunos internalizavam lógicas punitivas e organizativas pré-existentes

e, à partir disso, procuravam manter a organização da escola. Inicialmente, as falas demonstram uma cultura própria do ambiente escolar e uma hierarquia intrínseca entre os alunos. Como exemplo, podemos citar: o horário de chegada diferenciado para alunos menores e alunos maiores de idade; a separação de estudantes no pátio de acordo com a localidade de que vieram; eleição para primeiro e segundo líder de turma, sendo que o primeiro tinha direito de expedir ordem de prisão no caso de indisciplina. Nesse sentido, as práticas escolares foram pesquisadas tendo-se o cuidado de evidenciar o processo de construção dessas práticas, envolvendo os diferentes sujeitos escolares e as diferentes referências culturais. A cultura escolar refere-se a “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.10). O autor ressalta, que tais procedimentos podem variar em determinadas épocas e apresentar diferentes finalidades, sejam elas religiosas, sociopolíticas ou de socialização. Nesta definição, Julia (2001) chama atenção às práticas cotidianas e ao funcionamento interno da escola como elemento central de investigação. Vinão Frago (1995) também discorre sobre essa categoria de análise, considerando que a cultura escolar é ainda mais abrangente, considerando toda a vida escolar: fazeres e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer. Assim, para efeitos deste trabalho fez-se necessário articular a definição da cultura escolar, os sujeitos escolares e os espaços e os tempos escolares, entendendo a noção de cultura escolar como “a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-culturais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos” (FARIA FILHO, 2008, p. 85). A rotina dos estudantes era “dura”. Acordavam às 5h30, tomavam banho frio e em seguida tomavam café. As aulas começavam às 7h e terminavam às 11h. Uma parte dos alunos descia para o campo e a outra ficava na sede, de acordo com a escala. Aqueles que estava na sede almoçavam no refeitório e depois ficavam no pátio, sempre acompanhados pelos guardas e inspetores. As aulas recomeçavam às 13h e terminavam às 17h. Nos horários livres os alunos deviam permanecer estudando em salas. Os guardas controlavam o que estavam lendo. Vale destacar que, para os maiores de 18 anos de idade existia uma sala própria para fumantes que podia ser usada após o almoço e após o jantar. Ainda sobre as práticas escolares, os ex-alunos apontaram traços da

rígida disciplina em sala de aula, como por exemplo, a obrigatoriedade de levantarem-se quando os professores chegavam em sala de aula, a ausência de liberdade para se expressarem ou para pedir para sair do local de estudo. Além disso, relataram que no final do dia os alunos que estavam no campo eram avaliados quanto ao desempenho no trabalho prático, recebendo uma nota de 0 a 10. Caso o rendimento fosse abaixo de cinco estavam sujeitos a privação de recreio. Merece atenção a naturalização com que os entrevistados tratavam a ausência do diálogo e a rígida disciplina no ambiente escolar. Tratando dos professores, foi recorrente a ênfase na qualidade dos docentes. Além de lembrarem facilmente de seus nomes e de métodos de ensino específicos, os depoentes exprimiram admiração e respeito pela postura adotada pelos professores. Quanto às instalações físicas, evidenciaram o controle no pátio interno, o silêncio nos corredores e a restrição de acesso a laboratórios e biblioteca. Os ex-alunos apresentaram o diretor Diaulas Abreu como exemplo e marco disciplinar na escola. De fato, a atuação de Diaulas Abreu foi diferenciada já que esteve a frente da escola desde a sua criação, em 1910, até o ano de 1955. A partir das falas dos depoentes podemos supor que Dr. Diaulas Abreu controlava tudo o que ocorria na escola: as questões pedagógicas acompanhando o trabalho dos professores, as administrativas observando os aspectos institucionais da escola e disciplinares garantindo e supervisionando para que o regulamento interno fosse seguido. Considerando que três dos casos pesquisados trata-se de ex-alunos que atuaram na direção do Centro Social Hamilton Navarro, ressaltamos que os ex-alunos apontaram esse órgão como espaço de articulação social que alargou as possibilidades de diálogo no espaço institucional. Por fim, ressaltamos que as memórias e as representações dos alunos dessa instituição podem contribuir para a entender e reconstruir as diversificadas concepções em torno dos espaços de estudo e ensino da escola e os significados dela para aqueles que aprendiam.

Referências

BRASIL. Decreto nº 22.934, de 13 de julho de 1933. Transforma o Aprendizado Agrícola de Barbacena em Escola Agrícola e dá outras providencias. Rio de Janeiro, 1933. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: 10. ago. 2013.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O processo de escolarização em Minas Gerais:

questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís de Lima e Fonseca (Orgs.) *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica/CNPq, 2008. p. 77-97.

FONSECA, Nelma Marçal Lacerda. A história oral no museu da escola de Minas Gerais: Relato sobre o caminho percorrido. In: Filho, Luciano Mendes de Faria (org.). *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação*, Bragança Paulista, SP: Editora Autores Associados, 2000.

JULIA. Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Tradução de: Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n.1, p.9-43, set./dez. 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

Apoio Financeiro: FAPEMIG

Agradecimento: Aos ex-alunos que informaram-nos parte de suas histórias.